



Fundado em 8 de junho de 1978

ESCALADA

Presidente: *Luiz Carlos Macedo de Carvalho*
Vice-Presidente: *Lothário Horst Stoltz Júnior*

CLUBE PARANAENSE DE MONTANHISMO — Associação Civil de Utilidade Pública — Lei Estadual nº 7.895 de 6/8/84

BOLETIM INFORMATIVO BIMESTRAL Nº 05 — Sede Social — Rua Dez. Westphalen, nº 15 — 16º andar — Curitiba, Paraná

MARÇO/ABRIL 1985

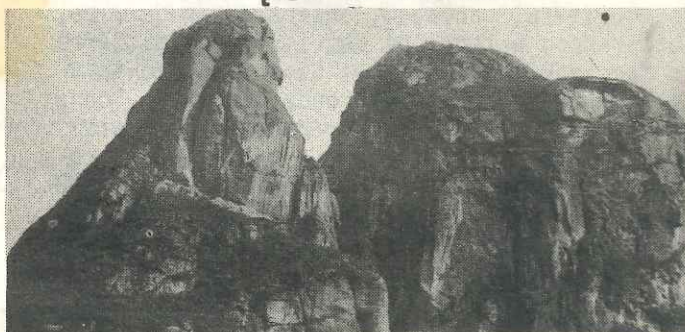
EDITORIAL

Assumo a Presidência do Clube Paranaense de Montanhismo num momento dramático para a ecologia, quando a devastação de nossas reservas biológicas assume proporções alarmantes, face à desmedida ambição de seu maior predador o próprio homem. O CPM existe com dois objetivos precípuos. O primeiro é a implantação do montanhismo no Paraná. O outro é a defesa ecológica, emprestando nosso auxílio aos órgãos de defesa da flora e da fauna, promovendo manifestações para conscientização da população. Pretendo, em minha gestão, dar mais ênfase à parte de montanhismo, promovendo toda espécie de atividades no setor. Sem, no entanto, descuidar do outro objetivo do CPM, com destaque especial para a defesa do morro Anhangava, que é o melhor campo-escola do Brasil, em termos de variedade de técnicas de escaladas que ele propõe. Não seria exagero afirmar que o Clube não sobreviveria sem o Anhangava. É justamente nessa região que se concentram as atividades devastadoras do homem, como se verá em artigo publicado nesta edição. A defesa do ecossistema envolve interesses políticos. A Política, deixamos para os políticos, uma vez que somos uma agremiação sem cores partidárias. Nossa política, se assim se pode dizer é venerar a Natureza - criar condições para ampliar quadro de montanhistas, conscientizando-os que ir à Montanha não é apenas um esporte: é um ato de amor.

Luiz Carlos Macedo de Carvalho

Presidente do CPM

Dec. 5308 de 22 de abril de 1985 Um novo passo para a implantação do PARQUE MARUMBI



Em 1953, ano do centenário da emancipação política da Província do Paraná, durante o I Congresso Florestal Brasileiro, começaram as primeiras manifestações públicas e formais pela proteção da Serra do Mar e implantação do Parque Marumbi. Reinhard Maack faz aprovar uma manifestação do plenário do congresso florestal pela proteção dos mananciais d'água de Curitiba; os "Mananciais da Serra". A partir desta ocasião os jornais passam a refletir o movimento, que chega ao Congresso Nacional (ainda no Rio de Janeiro) através de sucessivos Projetos de Lei criando o "parque Nacional do Marumbi". Numa destas ocasiões o "Vita" integrou comitiva que foi ao Rio pressionar os congressistas. Nada foi conseguido, mas aos poucos também nos outros Estados brasileiros nascia o movimento pela proteção da Serra do Mar, que em 1961 encontrou eco no Presidente Jânio Quadros que, através do Decreto 50813 de 20 de junho, declarou "protetoras" as florestas da encosta atlântica da Serra do Mar, devendo o "serviço florestal do Ministério da Agricultura", diretamente ou através de convênios com os Estados, estabelecer a delimitação da área. Nunca foi delimitada. Permanece o Decreto em vigor. No Paraná, o deputado Ervino Tempski, influenciado por naturalistas como Ralph Hertel, criou vários Parques na Serra do Mar, comemorados com jantares "com centenas de talheres", mas também nunca implantados. Em 1973, a luta pela proteção da Serra do Mar, a criação da ADEA - Associação de Defesa e Educação Ambiental - que defende a proteção da Serra como um de seus principais objetivos passou a nova fase procurando cada vez mais posicionar a opinião pública. Em 1979, a força da opinião pública favorável à proteção da Serra leva o Governador da época a assinar

continua

continuação

quatro decretos; dois declarando de "preservação permanente" 70000ha. na Serra do Mar (D.55 91 de 2 de outubro), Parque Marumbi I, e 6000 ha. na Serra da Prata (Dec. 5592 de 2 de outubro), Parque Marumbi II; e dois declarando as áreas de utilidade pública para fins de desapropriação (Dec. 5589 e 5590 também de 2 de outubro, "dia do Parque Marumbi"). Em 1982, o Dec. 4484 de 30 de novembro estabelece as divisas e reduz a área do "projeto" para 66600 ha. Assim, da proposta inicial de proteger toda a Serra do Mar (210000ha.), nosso objetivo maior e ainda em vigor - considerado inviável pelo Governador, - uma área foi "prioritarizada" e sobre ela pretendia-se implantar, pela desapropriação, um "parque". Nos cinco anos seguintes apenas 480ha. foram desapropriados. Em 1983, "morria" o Parque com a caducidade do decreto de desapropriação. Movimentaram-se os montanhistas, conservacionistas, aficcionados de vôo livre, canoagem, observadores de aves, fotógrafos, e todos os demais amigos da Serra do Mar, que realizaram o "Congresso pró-implantação do Parque Marumbi" onde criaram a "convenção pró proteção da Serra do Mar". Nesta ocasião, foi proposta nova estratégia de proteção da Serra através da regulamentação de uso, e não mais desapropriação. Daí saiu a mensagem do Governador à Assembléia Legislati

va, propondo Lei que autoriza ao Poder Executivo regulamentar o uso do solo na área do Projeto Marumbi. Um ano arrastou-se este projeto na Assembléia, cutucado e empurrado principalmente pela ADEA e CPM com a colaboração de todos os demais conservacionistas e aficcionados de recreação por contacto direto com a natureza. Aprovada a Lei nº7919 de 22 de outubro de 1984, a "Convenção pró proteção da Serra do Mar" que reúne todas as forças interessadas na sua proteção, através da ADEA, encaminhou ao GOVERNADOR uma proposta de decreto regulamentando o uso da área. A partir desta proposta, trabalhou a comissão intersecretarial que elaborou a minuta do Decreto 5308 de 22 de abril de 1985. O Dec. 5308 estabelece o prazo de trinta dias para a constituição da câmara técnica responsável por sua implantação. Está correndo este prazo. É esta a etapa atual. O preço do Parque é a "eterna vigilância". Temos agora que vigiar o cumprimento e a observância dos prazos. Tenha sempre em mãos o regulamento do Parque. Exija seu cumprimento. E esta, agora, a arma do momento.

Roberto Ribas Lange
Sec. da convenção Pró
Proteção da Serra do Mar

AGENDA DO CLUBE

01/05

Missa do Anhangava e ato público objetivando a preservação daquele sítio.

05/05

Festival de Escaladas no Anhangava.

10/05

Sexta-feira, um momento de congraçamento entre todos os montanhistas de todas as idades; será o "JANTAR DA MONTANHA", tradição que se reedita ano após ano, proporcionando oportunidade de rever amigos, trocar idéias e lembrar com saudades os que se foram.

12/05

Dedicado às mães.

02/06

Dia internacional do meio ambiente, os membros do CPM promoverão a tradicional "LIMPEZA DO OLIMPO", incentivando e participando da coleta de toda a espécie de Lixo Poluente largado por frequentadores da montanha (apelidados "farofeiros").

08/06

Aniversário do CPM. Estão sendo estudadas as atividades para comemorar a data de fundação do Clube.

DEU NO DINO

O jornalista Dino Almeida, que assina a coluna mais lida do Sul do País, registrou em seu espaço, na "A Gazeta do Povo", de 15 de abril último, o trecho abaixo transcrito: "O QUE PODEMOS FAZER PELA SERRA DO MAR - Um tocante apelo de preservação de nossa Serra do Mar está em reportagem de 15 páginas, na revista Manchete nº 1721, aquela que traz na capa a Stéphanie de Mônaco. No texto muito bem elaborado por Maria Silvia Camargo (fotos de Vantoen P. Junior e Antonio Ribeiro, do Rio), a denúncia do desmatamento indiscriminado, responsável pelas trágicas calamidades que vêm assolando a região Sul. Vale a pena ler a reportagem e se deslumbrar com as fotos lindíssimas de nossa Natureza. Abrindo a matéria a fotografia de dois membros do Clube Paranaense de Montanhismo entidade com sede em Curitiba e que também luta pela preservação da Serra. Em primeiro plano, o jovem Celso Roberto Kava um dos melhores alpinistas brasileiros.

Pelo CPM, obrigado Dino, pela força. Valeu.

DESTAQUES DO MÊS

Aniversariantes do Clube Paranaense de Montanhismo do mês de:

ABRIL

- 07 - Antonio Carlos Schmal Moreira - o " Maninho "
- 08 - Celso Roberto Kava - (Kavinha)
- 14 - Eduardo Schleder - (Dudu)
- 16 - Lothário Horst Stoltz Junior - (Kikko)
- 18 - Luiz Carlos Macedo de Carvalho - (Funes)
- 20 - Paulo Elieser Saafeld - (Maluf)
- 21 - Luiz Carlos Rodrigues de Lima - (Track)
- 22 - Adelino Edmundo Oberg Martins
- 28 - Walter Antônio Kapp - (Linguinha)

MAIO

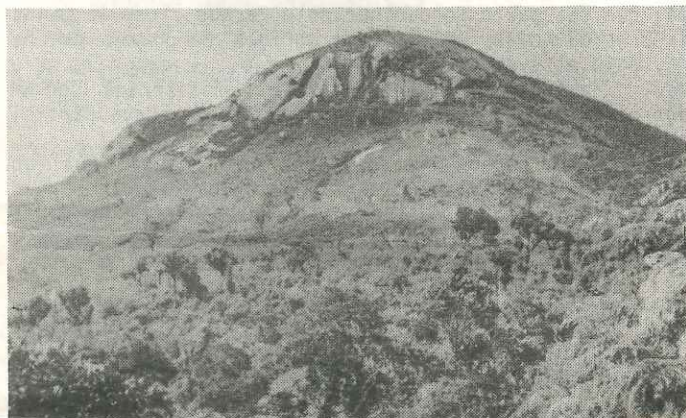
- 02 - Antonio Carlos Bueno
- 05 - Mauro Luiz Gomes
- 05 - Gaspar Afonso dos Santos Serkes
- 06 - Ricardo Odzaduck
- 08 - José Luiz Hartmann
- 11 - Marcelo Bitencourt Mokedad
- 11 - Rachel Ribeiro Lange
- 18 - Li Li Mim
- 19 - Osório Fernandes dos Santos Filho
- 21 - Angela Cristina Marques
- 25 - Rubens Penna Wagsch
- 26 - Astrid Cristiane Ritcher
- 31 - Elisabeth Schleder

A Diretoria do Clube Paranaense de Montanhismo, tem a grata satisfação de apresentar os novos associados do C.P.M. que ingressaram no Clube nos meses de abril e maio de 1985, passando a fazer parte do quadro de associados do CPM. Aos novos amigos, nossas calorosas boas vindas.

- Nelson Schneck
- Denis Renaux
- Werner Withoeft
- Sergio Luiz de Carvalho
- Mauro Marques Junior - (reingresso)
- Marcos Iwamura

- Angela Cristina Marques
- José Ribamar Flemming da Costa Junior
- Dalton Lucio Maciel
- José Henrique Gonzaga de Oliveira
- Huavchtmoc Maximiliano Sandino Gama

ESTÃO ACABANDO COM O ANHANGAVA



O morro do Anhangava, já descaracterizado pela ação do homem, vem sofrendo a cada dia, maiores degradações ambientais. As explorações de granito para beneficiamento (corte das pedras para o feitiço de paralelepípedos, duquinhos, lajotas e outros) e posterior comercialização, vem causando uma procura enorme de exploradores como fonte de trabalho e sustento.

TRABALHO ESCRAVO

Cerca de duzentos homens já trabalham em pequenas pedreiras, que são em número aproximado de quinze, até então. São pedreiros de trabalho braçal, que dependem única e exclusivamente do corte de pedras para o sustento das respectivas famílias. Não são, na maioria das vezes, contratados, não possuem auxílio médico, nem equipamentos de segurança para o trabalho que exercem, estando expostos a perigos diversos durante todo o dia de trabalho. Trabalham num regime de empreitada e só ganham se cortarem as pedras; se sofrem algum acidente, deixam de ganhar.

PREJUÍZO PARA A NATUREZA

Como efeito deste trabalho temos uma degradação ambiental incontornável, pois as flores

estão sendo destruídas por tratores que abrem novas frentes de trabalho, para que haja continuidade dos quebradores de pedra. O prejuízo é enorme, e a natureza já está caracterizada, a hidrografia ameaçada; com a falta de orientação técnica, dá-se o entulhamento dos rios, alguns já secos por completo. Além de que muitos trabalhadores caçam exemplares da fauna da região, durante horas de folga, nos fins de semana.

UM ALERTA!

Mananciais de abastecimento de água usados como fonte de captação para o fornecimento de água para as cidades de Borda do Campo e Quatro Barras, estão comprometidos, devido a criação de suínos em cima do rio Captanduva, que foi represado pela Sanepar para abastecer as cidades já mencionadas, além dos assoreamentos que as explorações minerais vem causando. Devemos alertar os órgãos como a COMEC, ITC, DNPM, IBDF, Ministério do Trabalho, MINEROPAR, Secretaria dos Assuntos Comunitários, Secretaria do Interior, SANEPAR, SUREHMA, no sentido de que, no uso de suas atribuições, tomem medidas cabíveis para que exista na área um controle ambiental necessário e urgente. Os trabalhos devem ser executados com orientação e fiscalização dos órgãos ou instituições competentes. No próprio Código Florestal, Lei 4771/65, estão evidenciados os motivos pelos quais estamos fazendo este apelo. Nós, do CLUBE PARANAENSE DE MONTANHISMO, sentimos na obrigação de tentar salvar o que resta da montanha que completa este ano seu centenário da primeira ascensão, e contamos com toda e qualquer colaboração.

KIKKO

PÁSCOA NO ITATIAIA

(extraído do "Diário de Viagem" de Rafael Martinez Curial, o "Murruga").

I

Saída: 04/04/85

Quando começou a chegar o pessoal para a despedida (Dulce, Vita, João Carlos e Sérgio "Osso") do pessoal que ia na viagem, só haviam aparecido os colegas montanhistas do CPM que iam participar do II ENOA (Encontro Nacional de Observadores de Aves). Ao fim de meia hora de espera começaram a chegar os primeiros sócios do COA (Clube de Observadores de Aves), que haviam sido avisados que a partida seria às 9:30 ao invés de 8:30, como nos havia sido informado pelo Índio (Amilton Hoffmann da Rocha). No horário da partida todos estavam presentes ao embarque, menos o único representante gaúcho do COA, que chegou às 10:00 por causa de um atraso de seu ônibus. Não demorou muito para que todos estivessem dormindo. Algumas horas depois chegávamos a Registro, com a habitual parada para esticar as pernas; depois, todos voltaram a dormir até umas 6:00 hs da manhã, com um sol que começava a nascer por trás das montanhas, das quais o contorno era visível. Chegamos pela entrada do Parque pelas 8:00hs; na guarita da entrada o Índio estava com um estilingue pendurado no pescoço, para fazer uma brincadeira com os observadores de aves; saiu do ônibus para acertar a nossa entrada com os guardas da barreira. A primeira coisa que os guardas fizeram foi confiscar o estilingue e dar uma "lavada" no Índio, antes que ele pudesse falar qualquer coisa.

II

O grupo foi dividido em dois abrigos, o 1 e o 4. Depois de nos acomodarmos no abrigo 1 (Índio e Rafael) e abrigo 4 (Denis e Franco), saímos para conhecer as redondezas; visitamos o museu que, por sinal, estava muito mal cuidado (assim como o resto das construções: abrigos, pontes, etc). Fomos tomar um gelado banho de rio e daí fomos almoçar. Após o repasto, ao invés de assistirmos à reunião programada pelo COA, fomos (Denis, Índio, Frangom Rafael e outros) para a ponte do Maromba, e dali para a cachoeira do Vêu de Noiva, onde a maior parte de nós entrou embaixo e deu alguns mergulhos na piscina (gelada) ali existente. Na volta, passamos pelo hotel Ipê, com chalés rústicos, de tronco de árvore; uma piscina e uma visão razoável do vale. Devolta ao abrigo, jantamos, e logo após começou a palestra sobre a "Taxonomia dos animais", dada por um "expert" Alemão, com um leve sotaque brasileiro. A palestra esteve interessantíssima, com uma explanação sobre o passado Sula-sula sula, parte da qual eu fui saindo, embora o assunto me interessasse muito; fui para o quarto e, minutos depois chegou o Índio, que estava igualmente interessado na palestra. Ficamos no quarto até que a palestra acabou e todos foram para lá, só que, infelizmente, não estavam com vontade de dormir, e ficaram debaixo tendo pontos de vista até perto da meia-noite, quando viram que já era pouco tarde e resolveram dormir. No dia seguinte, sábado, estava programada a ida de ônibus até o abrigo Rebouças, e tínhamos que acordar às 5:00 hs da manhã, para tomar café. Em resumo, o Índio e o resto do pessoal do abrigo não tiveram uma longa noite de sono.

III

O ônibus para o Rebouças ia sair às 6:00hs com 40 pessoas, e ia voltar ao meio-dia, para o almoço. Como nós quatro estávamos com intenção de ao chegar no Rebouças, subir as Agulhas Negras (2.787m), não poderíamos estar de volta até a hora marcada para a saída. O Índio propôs ao Pedro, que era o organizador, para descer de volta aos abrigos sem nós, e então desceríamos por dentro do Parque a pé. Houve alguns pessimistas que afirmaram que só iam chegar lá embaixo no dia seguinte. No final, a ida até o Rebouças levou 3 horas, pois o ônibus avançava devagar, por causa da acentuada inclinação reinante.

IV

Subimos as Agulhas sem maiores incidentes, em uma hora e meia, pois eu já havia estado no Itatiaia dois anos antes. Os outros três gostaram da caminhada até o cume. Chegando lá, foram batidas algumas fotos, ao lado e em cima da cruz lá existente; além da vista esplêndida, tivemos um inigualável almoço com uma das três broas (que havíamos pego no abrigo 1), mel e frango ao escabeche, que foram levados até lá em cima pelo "Frango" (Franco). Na descida, passamos pelo Rebouças e tomamos o início do caminho que cruza o Parque. Encontramos três casacas que estavam indo até o abrigo Massenas, onde estavam alojados; fomos até lá com eles, pois era caminho para a descida.

Depois do Massenas, andamos um bom trecho até que chegamos à brilhante conclusão que estávamos perdidos. Subi numa pedra e vi que era só descer uns 200 metros pelo meio do mato e chegaríamos na picada certa. Chegando lá, paramos um pouco e logo apareceram dois paulistas que estavam descendo até o abrigo Macieiras, e haviam se perdido no mesmo lugar que nós, logo após o Massenas. Cerca de duas horas depois, chegávamos ao Macieiras (1.950m), onde nos despedimos dos paulistas, que nos informaram que tínhamos mais de três horas de caminhada, agora numa estrada de macadame pouco usada.

A noite começou a descer e tivemos que acender as lanternas que tínhamos conosco. Naquela noite, era lua cheia, e paramos para vê-la nascer, vermelha, por trás dos morros.

Continuamos nossa caminhada, chegando à Ponte do Maromba, que faz parte do caminho pelo Parque, isso lá pelas 7:00 hs da noite. Dali até os abrigos demoramos uma hora, pois estávamos cansados. No fim, chegamos no meio de uma palestra sobre a Antártida, ministrada por um dos pesquisadores que haviam estado lá e estava participando do II ENOA.

Tomei um bom banho, fiz curativos nas bolhas, fui jantar na cozinha, e assisti ao final da narrativa sobre a viagem; daí, fiquei papeando até umas 10:00 da noite, e em seguida, direto para a cama, assim como os outros, que estavam igualmente cansados.

V

O Índio e eu acordamos às 7:00 hs, pouco ligando para o café da manhã que era às seis. Assim que acordamos fomos chamados para posar para fotos coletivas de todo o pessoal que estava participando do Encontro. Após as fotos, tomamos o café da manhã, sem sinal do Denis e do Frango, que deviam estar desmaiados no abrigo 4. Depois do café, fomos até o 4 e encontramos os dois levantando, isso por volta de 8.30 hs; daí, eles foram até o 1 para comer alguma coisa enquanto dávamos algumas voltas pelas redondezas. Voltamos ao abrigo, e a dupla Denis-Frango estava terminando de comer, fomos para o quarto, ficamos o resto da manhã, falando besteiras e dormindo até a hora do almoço. Voltamos ao quarto para arrumar as coisas, pois a saída do ônibus estava prevista para 4:30 hs da tarde. Depois de arrumar as mochilas, nos "arrastamos" até o Hotel Simon, que é o maior da região (3 estrelas) e tem a melhor vista de toda aquela região mais baixa do Itatiaia. Descemos e fomos tomar um banho de despedida perto do lago Azul; ao chegamos no abrigo, já estavam todos nos preparativos finais para a partida. Comemos um sanduíche rapidamente, embarcamos nossas coisas, e logo após saía o ônibus deixando para trás três dias que dificilmente serão esquecidos, onde além de uns pares de bolhas nos pés, consegui reforçar uma amizade, descobrir que as pessoas não podem ser avaliadas à primeira vista, e matar as saudades que tinha do abrigo Rebouças e da região das Agulhas Negras, as quais conheci e me apaixonei, quando lá estive há dois anos atrás.

TODOS À SANTA CEIA

Comunismo. Sim, É isso o que todos almejamos. Ou não? E que o homem procure igualar-se a seus próximos. Ou não? Dar e receber no peso e na medida em que todos ficamos satisfeitos. Ou não? Num momento em que o alimento do homem é o sonho, o sonho de algo novo, tornando-se a coisa mais real que lhe resta, por maior que seja o paradoxo. O JANTAR DA MONTANHA é tudo isso e algo mais para os montanhistas do Paranã, é a realização da utopia de vermos juntos, comuns, iguais entre todos, dando e recebendo na medida satisfatória a todos nós. Como se fosse uma Santa Ceia consagrada todo ano em Santa Felicidade. Os lobos não passam de cordeiros alegres e doces, os gananciosos, ainda impunes, temerosos da descoberta pública, áries em ascensão, os amantes demonstrando seu alto astral, os "antigos" relembando velhas histórias, marcantes em seus corações; os jovens, a quem foi legado o espírito do montanhismo, assegurando seu continuísmo. Sem dúvida, a ocasião é importante, porque congrega num só espírito, num só lugar, num só momento, tantos estilos e personalidades distintas, irmanamente. ASSIM SEJA.

Jamil Riechi Filho